

A Influência do Cokwe na colocação de pronomes clíticos no português falado pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar Nº2 do Ritenda

Domingos Njamba Yeta*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-0216-3756>

Resumo O presente artigo é resultado de uma investigação levada a cabo no âmbito da nossa responsabilidade como docentes de Línguas, tanto da portuguesa como as nacionais, no ensino geral de Angola. Tendo como título: A Influência do Cokwe na colocação de pronomes clíticos no português falado pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar Nº2 do Ritenda. A pesquisa incidiu-se sobre o processo de ensino-aprendizagem das línguas na 9ª classe. Partimos com o seguinte objetivo: perceber sobre a colocação de pronomes clíticos no português falado pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar Nº2 do Ritenda. Partimos dos seguintes questionamentos: 1- como os alunos da 9ª classe do Complexo Escolar Nº2 do Ritenda fazem a colocação dos pronomes clíticos em Língua Portuguesa (LP)? Será que a colocação dos pronomes clíticos em Língua Portuguesa (LP) pelos alunos tem influência da língua Cokwe? Esta pesquisa é de cunho descritivo, pois coletamos dados que mais tarde foram traduzidos quantitativamente em gráficos. Para chegarmos aos resultados, utilizamos alguns métodos como: observação, descrição, indução-dedução, ademais como técnica de recolha de dados nos foi útil o inquérito por questionário. Os resultados da nossa pesquisa dão conta de que existe uma diferença na colocação dos pronomes clíticos entre a LP e a língua Cokwe. Nessa língua africana não ocorre a mesóclise e a ênclise, apenas a próclise, demarcando-se, assim, da LP. Uma vez que os alunos, na sua maioria, apresentam maior proficiência na língua Cokwe, em detrimento de LP, a nossa observação revelou que os mesmos apresentam dificuldades no que toca à compreensão e domínio dos pronomes clíticos tratados pelos professores em LP, por não possuírem uma competência linguística imposta pela gramática normativa.

Palavras-chave: Língua Cokwe; Língua Portuguesa e Pronomes Clíticos

Abstract: This article is the result of an investigation carried out within the scope of our responsibility as teachers of languages, both Portuguese and national, in general education in Angola. Titled: The Influence of Cokwe in the placement of clitic pronouns in Portuguese spoken by 9th grade students at the Ritenda School Complex Nº2. The research focused on the teaching-learning process of languages in the 9th grade. We set out with the following objective: to understand the placement of clitic pronouns in Portuguese spoken by students from the 9th grade of Complexo Escolar Nº2 do Ritenda. We started with the following questions: 1- How do students from the 9th grade of Complexo Escolar Nº2 at Ritenda place clitic pronouns in Portuguese Language (LP)? Does the placement of clitic pronouns in Portuguese Language (LP) by students have influence from the Cokwe language? This research is descriptive in nature, as we collected data that were later quantitatively translated into graphics. To arrive at the results, we used some methods such as: observation, description, induction-deduction, in addition to the data collection technique, the questionnaire survey was useful. The results of our research show that there is a difference in the placement of clitic pronouns between LP and the Cokwe language. In this African language, mesoclisism and enclisis do not occur, only proclisis, thus demarcating itself from the LP. Since most students are more proficient in the Cokwe language, to the detriment of LP, our observation revealed that they have difficulties in understanding and mastering the clitic pronouns treated by LP teachers, as they do not have a linguistic competence imposed by normative grammar.

* Natural do Lumbala-Guimbo, província do Moxico, pré-finalista na Universidade de Luenji A'khond tendo como especialidade, ensino de Língua Portuguesa, professor de Língua portuguesa no ensino primário na Escola do Ritenda/Fundo. E-mail: domingosyeta@gmail.com

Keywords: Language Cokwe; Language Portuguese; Clitic Pronouns.

Mujimbo¹: Kukimba cino cakatukila ku kuca ca malongeso a kutuala hatonza ca Myanda yakuhu humuisa mana a malongeso, yialingiwile ku cipatulo ca kukimba ca malaka nyi myianda yiaco (the young Geniueses Scool). Nyionga lino lili nyi xindakenyio yia andji ngue ino: Kusolola kulithucika catwama há malaka ali nyi kuxindakenia ca kuci laka lia Cokwe liakufumbumuisa kuzuka ca kutata ca isoneko iximbata utopa um laka lia phuthu akuhandjika kuli alongi a um kalasa ka mucilivwua aku xikola yia lusona wamucoli yia Litenda. Twakunilinga nyi Macyendjekela ngue wano: Kutalatala nyi isonekeso hamwe nyi mangana a kuca ca kuzuka, cina kathuwahilila há kukimba caco. Milimo yia mu undji inasolola ngueni hali umwe kapnda kuli alongi, akutwala ku ulumbumwiso wifilixio wa malongeso waze akutambula kuli alongexi, momo ha cucina kuningika handji cucina kumpwa nyi uningikiso wa kutata ca laka, kamucali kexi nyi uningikiso wa mukanda wa sona já uningikiso handji wakutata ca laka um isonekeso yia ximbi. Mba hakutwala ku kuhasa nyi ha kwalumuna ca kupwa cino, hanga tuhase kukwasa ulilongeselo wa alongi, mucilita nyi Nguvulu matala ku ximbi jino, mba hanga ahase kululyieka camaliondjikela akufeta hakutwala ku ingamba ngamba ngue ino: Mukanda wa kuningika kutata ca kuhandjika kanawa laka (Gramática), Mikanda yia laka lyia phuthu já um Angola, Mukanda wa kuhandjika kanawa ca umwenemwene wa akwa Angola momo lyia kukinda umwe kapinda yoze wakupindisa alongi nyi alongexi há tangua nyi tangua.

Xindakenio yiaco: Laka lyia Cokwe, laka lyia Phuthu, lutopa um laka lya phufu

Introdução

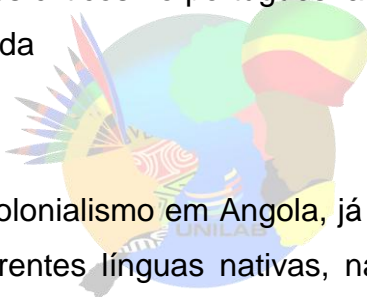
O status da Língua Portuguesa (doravante LP) em Angola (língua oficial, veicular e de escolaridade) tem causado vários problemas no processo de ensino-aprendizagem tendo em conta as indefinições de políticas linguísticas, nomeadamente métodos e instrumentos adequados para o ensino. É notável que dentro da comunidade angolana há alunos que têm a LP como L1 e outros, no entanto, como L2, resultado disso, o professor de LP tem encontrado dois quadros de ensino-aprendizagem. Por outra, o ensino da LP baseado na gramática normativa, com pendor Europeu que é exigido a nível do sistema nacional de ensino e, temos também um português que dista daquilo que é sugerido ou orientado pela gramática normativa, este fato dá-se por Angola ser um país plurilíngue onde, no seu mosaico coabitam línguas nativas e que as mesmas têm influenciado no modo diferente de uso da LP. Com efeito, tem sido um desafio muito grande por parte de professores de LP em tentar adequar ou diferenciar as duas realidades a fim de fazer compreender o aluno e chegar aos seus objetivos propostos.

Tendo em conta a rigorosidade e o cumprimento das demandas dos programas do ensino de LP, no nosso processo de ensino-aprendizagem se tem constatado várias dificuldades por parte dos alunos, no sentido de adequar-se às demandas das escolas e obter êxito. Este trabalho é um contributo que visa subsidiar a respeito de ensino de LP, pondo em alerta o posicionamento da camada docente, tendo em conta o quadro

¹ Tradução: Gáspar Alone. 00244 934417544

característico que a LP, possui em contexto angolano.

As especificidades do Complexo Escolar nº2 do Ritenda já mostram que a LP ganhou características que distam daquilo que a perspectiva da gramática normativa espelha. Portanto, em primeiro momento abordaremos sobre o português em Angola com objetivo de mostrar que a LP não é uma língua nativa e que existe uma diferença maior entre a LP e língua Cokwe, em segundo plano refletiremos sobre a interlíngua na aquisição da L2 (português) com o objetivo de identificar os fatores que levam os alunos a apresentar o uso de pronomes de forma diferente do que a gramática normativa estabelece e sugerir para que haja instrumentos adequados para satisfazer eficaz e eficientemente a aprendizagem dos alunos naquela localidade. Em terceiro plano, olhar sobre a competência VS performance procurando entender, com base na gramática normativa, o uso de pronomes clíticos por parte dos alunos. E, por último, faremos uma abordagem que tem a ver com pronomes de LP VS de língua Cokwe com o objetivo de mostrar a diferença que existe entre duas línguas e perceber como a língua Cokwe tem influenciado no uso de pronomes clíticos no português falado pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar Nº2 do Ritenda



1.1 O Português em Angola

Antes da chegada do colonialismo em Angola, já havia comunidades organizadas em Reinos, baseadas em diferentes línguas nativas, na sua maioria (bantu). Em toda parte do mundo, as línguas desempenham um papel muito importante na comunicação, em particular Angola, foi através dela que o povo Bantu transmitia os seus conhecimentos de geração a geração, na perspectiva da tradição oral. Por isso, Abdula, Timbane, e Quebi, (2017, p. 23) afirmam que “as línguas desempenham um papel importante na comunicação. É através delas que se estabelecem lanços de pertencas étnica, política, econômica ou cultural”.

As abordagens consubstanciadas no surgimento da língua portuguesa em Angola estão, intrinsecamente, vinculadas à colonização da África, segundo Hagemeyer (2016, p.1), “a presença do português na África Subsaariana remonta aos séculos XV, quando se inicia o reconhecimento do continente africano por via marítima”, na procura de um caminho marítimo para Índia, os grandes navegadores portugueses chegaram a foz do Rio Kongo em 1482.

Por isso, Ndombele (2017, p. 71), afirmam que “os contatos de Angola com o mundo Ocidental começaram em 1482, com a chegada do Diogo Cão à foz do Rio

Congo”. Para Undolo (2014, p. 33) “em 1482, uma frota comandada pelo navegador português Diogo Cão chegava à foz do Rio Kongu. Era o início dos contatos entre angolanos do Reino do Kongu e portugueses”. Olhando para essas abordagens, entendemos que a LP tem a sua origem Europeia e, a mesma, foi inculcada em Angola e, não só, por via do colonialismo. Durante muito tempo, os países africanos vivenciaram uma realidade trágica, com a chegada do colonialismo, onde foram submetidos à uma realidade diferente e serem obrigados a deixar os seus nomes, culturas, línguas e suas terras, etc., este processo (aculturação) foi um dos grandes fatores que deixou muitas sequelas na vida de todos os africanos quanto as suas identidades culturais.

Hoje, a visão que se tem da LP no mundo, é muito diferente com a que se tinha nos séculos anteriores, graças a expansão da LP que é uma das línguas muito influentes em comparação com as línguas africanas, ocupando a 5ª posição na lista das mais faladas no mundo. Depois do século XV, a LP passou a ser uma língua de prestígio, pois permitia o intercâmbio de diferentes povos como da Ásia, Índia e África em diferentes situações. Esta língua também servia de uso para os comerciantes de diferentes territórios quando queriam estabelecer os contatos com a África e, nesta senda, a sua importância era notória. Quanto a sua classificação, tal como se debruça acima, a língua portuguesa é a quinta língua mais falada no mundo e a terceira nos grupos das línguas Europeias.

A língua portuguesa é a quinta língua do mundo em números de falantes (e a terceira de entre as europeias), e é a língua nacional ou oficial em sete países espalhados por quatro continentes: Portugal e Brasil, Angola, Moçambique, S. Tome e príncipe, Guine Bissau, Cabo Verde e Timor Leste e contando com Macau que a língua oficial até 2049 (Mateus, 2008, p.4).

A história da evolução da LP em Angola está vinculada com evolução do mesmo povo, tudo porque, depois do Comandante Diogo Cão estabelecer os contactos com os povos africanos em 1482. Na primeira estância, estabeleceu-se uma política do comércio onde os portugueses e africanos tinham a probabilidade de trocar os seus meios em prol das suas necessidades. Mais tarde esta relação foi adulterada por parte dos portugueses segundo Junior (2011) apud Undolo (2014, p.33-34) com os seguintes objetivos: (i) o estabelecimento de colônias agrícolas na costa; (ii) a conquista de espaços territoriais amplos no interior; (iii) a identificação de minas de prata; (iv) o controlo da rota do comércio do sal; (v) a criação de uma comunidade cristã.

E durante este tempo a LP em Angola desempenhou um papel de superstrato perante as línguas nativas, onde ela era obrigatoriamente utilizada pelos angolanos a

ponto de inibir suas línguas, colocando os idiomas dos povos indígenas na posição de substrato. Na visão do Norton de Matos (o alto comissário de Portugal em Angola) acreditava-se que a única forma de os povos angolanos se civilizarem era necessário a implementação da instrução, e a LP foi um instrumento fundamental para esta civilização, utilizando as ações do imperialismo linguístico inédito na administração francesa, inglesa e alemã Ngombele (s/d). E nesta senda, foi possível elaborar um artigo que proibia a utilização das línguas nativas:

(...) chegando ao ponto de proibir o uso de qualquer língua de origem africana em Angola, através dos decretos que codificavam os angolanos como os donos da terra, tal como se pode ler neste artigo publicado em 1921. Artigo 1º: ponto 3: “é obrigatório em qualquer missão; o ensino da língua portuguesa”. Ponto 4: é vedado o ensino de qualquer língua estrangeira”, Artigo 2º: “não é permitido ensinar, nas escolas de missões, línguas indígenas”, Artigo 3º: “o uso de línguas indígenas só é permitido em linguagem falada na catequese e, como auxiliar, no período do ensino elementar de língua portuguesa” (Ndombele, Timbane, 2020, p. 75).

Ao passo que a Língua Cokwe é de família Bantu e o seu povo é designado de Kacokwe (singular) e Tuchokwe (plural) e considerada a segunda língua franca ao leste de Angola, designadamente, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico um pouco de Kuando-Kubango, esta última região é composta por uma mistura com o Nganguela. É de salientar que a Língua Cokwe está além das fronteiras, a título de exemplo, República Democrática do Congo e Zâmbia, também este povo Cokwe que se encontra em dois países, pertencia ao mesmo Reino, o Lunda. (Martins, 2008, Chipuleno, 2017, *apud* Suequel 2018).

A Língua Cokwe como as outras línguas da família bantu apresenta as suas características prefixais ou como designa Undolo (2014): “classificativo e elementos mórficos pré-verbais, esses classificativos e elementos mórficos pré-verbais, funcionam em todas línguas bantu. Na visão de outros autores, estes elementos devem ser:

- Os indicadores do género devem ser prefixos, através dos quais os nomes podem ser distribuídos em classes em que o número varia em geral, entre 10 a 20;
- As classes estão associadas, regularmente, em pares que opõem o singular ao plural de cada género;
- Não há correlação entre o género ou qualquer outra categoria semântica definida;
- Normalmente as línguas bantus apresentam um vocabulário comum, a partir do qual se formulou uma hipótese da existência do proto-bantu;
- Apresenta um conjunto de radicais (RAD) invariáveis cuja maior parte de palavras se forma por processo de aglutinação;
- Estrutura de base do tipo CVC, geralmente sílabas abertas (ataque+núcleo);
- Juntando-se-lhes sufixos gramaticais forma-se bases verbais (BV);
- Inexistência de artigos;
- Os radicais aparecem sem afixos;
- Têm um sistema consonântico com pré-nasais, ou melhor, consoantes orais precedidas de consoantes nasais, que formam grupos indivisíveis;

- As línguas bantu utilizam os tons, com a sua utilização distingue-se a variação de altura no interior de um mesmo lexema, opondo-se duas unidades lexicais que tenham sentidos distintos, mas que apresentem contexto fonético idêntico (Obenga, 1985 e Ngunga, 2004, apud Naege, 2014, p. 20-21).

Portanto, além destas características existem outras. Contudo, sobre a flexão dos nomes, adjetivos, pronomes, etc. é sempre feita com os prefixos ou elementos mórficos pré-verbais. Exemplo:

| | |
|--------------------------|--------------------------|
| Singular | plural |
| Mutu (pessoa) | Atu (pessoas) |
| Mutondo. (árvore) | Mitondo (árvores) |

Quanto ao seu alfabeto, segundo Barbosa (2018 p.7) “é constituído por seguintes sinais ou letras: A, C, E, F, H, I, J, K, (KH), L, M, (MB), N, (ND, NG, NJ, NY), O, P, (PH), S T, (TH), U, V, W, X, Y, Z”.

O alfabeto acima apresentado está dividida em três categorias que são:

Vogais: A, E, I, O, U

Semivogais: W, Y,

Consoantes: C, F, H, J, K, (KH), L, M, (MB), N, (ND, NG, NJ, NY), P, (PH), S T, (TH), V, W, X, Y, Z”.

Agrafamos estas informações com objetivo de mostrar qual é a diferença que se pode constatar nestas duas línguas, isto é, a Língua Portuguesa é de origem europeia (indo-europeu) e a Língua Cokwe tem a sua origem bantuísta (bantu). As características da Língua Bantu funcionam mais com os prefixos, diferente do português que a formação de palavras pode ocorrer com os prefixos, sufixos e os interfixos. Na Língua Cokwe o seu alfabeto é constituído por 21 letras ou sinais, enquanto que a Língua Portuguesa apresenta 24 letras. A flexão de número, género e modo em LP é feita com os sufixos, diferente da Língua Cokwe, porque estas flexões são feitas na posição inicial da palavra como se pode constatar neste quadro a seguir:

Quadro 1: Quadro comparativo de Língua portuguesa e Cokwe

| Português | | Cokwe |
|---------------------------------|--------------------------------------|--|
| Origem | Indo-europeia | Bantu |
| Formação e variação de palavras | -Prefixos -Interfixos -Sufixos | -Prefixos ou elementos mórficos pré-verbal |
| Alfabeto | 24 Letras ou sinais. | 21 Letras ou sinais. |
| Flexão | Casa/ Casas; Fala/ Falamos | Zuwo/ Mazuwo ; Hanjika/ Twahanjika |

Fonte: Elaboração própria.

Contudo, as duas línguas são muito diferentes em vários aspectos, facto que leva os usuários destas línguas apresentarem algumas influências numa das duas línguas ou apresentar debilidades de pronunciar quando tentam produzir algumas palavras em português ou do português para Cokwe.

A interlíngua na aquisição da L2 (português)

Neste item da nossa pesquisa, apresenta a abordagem sobre a interlíngua para se perceber qual é o motivo que faz com que os alunos do Complexo Escolar nº02 do Ritenda apresentem dificuldades quanto ao uso correto dos pronomes clíticos. As abordagens sobre a interlíngua remontam nos anos de 1930 a 1940, os grandes linguistas nortes americanos, com a preocupação de dotar uma língua auxiliar baseando-se no planeamento e não na étnica, caso o mundo decidisse escolher uma língua de intercâmbio, apresentaram vários projetos que visavam tratar da mesma situação sobe orientação de autores como: Esperato (1887), Flexione (1903), Ido (1907) e Occidental (1922) (Rinaldine, 2018).

Mas é importante referir que Alexander Corder deu a Interlíngua a forma com que ela foi publicada pela primeira vez, em 1951 onde foram seleccionadas 5 línguas que são: inglês, francês, italiano, espanhol e português, com objetivo de escolher uma língua que servisse de intercâmbio e, nesta perspectiva, a mesma língua deveria possuir alguns elementos provenientes de outras línguas seleccionadas (Rinaldine, 2018). Tempo mais tarde, este assunto suscitou várias abordagens em volta de estudos linguísticos em diferentes aspectos tal como referiu Barbosa (2004 p. 1227), “aspecto continuum, aspectos linguísticos, aspectos discursivos, aspectos psicológicos, aspectos sociológicos etc.”.

Na perspectiva do aspecto continuum: entende-se que a interlíngua é uma fase que um aprendiz passa quanto à aquisição da segunda língua. A interlíngua revela a existência de um sistema linguístico baseando na tentativa de o aprendiz produzir na forma da língua-alvo, na visão do Ellis (1995) *apud* Leite e Weissheimer (2017, p. 422) diz que “a interlíngua é um conhecimento sistemático que é independente tanto da L1 quanto da LA do falante, um sistema intermediário que pode ser produzido pelo falante em qualquer estágio do seu desenvolvimento e que é, sobre tudo, permeável” a interlíngua é um sistema caracterizado pela variabilidade e sistematicidade que apresenta processos centrais, os quais fazem parte da base teórica para a análise das interferências

linguísticas num indivíduo Selinker (1972).

Anteriormente, Corder (1967) propôs uma teoria, a fim de tentar explicar o conhecimento temporal subjacente da língua dos aprendizes da L2, a qual ele denominou de competência transitória. De acordo com essa teoria, os aprendizes, no processo de aquisição de L2, passam por um continuum, cujos dois polos são a língua materna e a língua-alvo. Esse continuum caracteriza-se por uma série de estágios delineados pelo tipo de “erros” que são produzidos em um dado estágio. Na óptica de Ellis (1997) *apud* Barbosa (2004, p.1227):

Os aprendizes mudam sua gramática de um ponto para outro através da adição de regras, apagamento de regras e reestruturação do sistema. Como consequência desse movimento, os aprendizes acabam por construir uma série de gramáticas mentais ou interlínguas na medida em que aumentam gradualmente a complexidade de seu conhecimento na L2.

A interlíngua no aspecto Linguístico: defende que o sucesso da aquisição da L2 depende muito das idades apresentadas pelos aprendizes. Baseando-se na teoria do Chomsky (1965) sobre a cognição que mostra que o processo da aprendizagem da L2 depende do conhecimento da língua, e ele acrescenta que o input ao qual a criança está exposta é insuficiente para capacitá-la a descobrir as regras da língua que está aprendendo, tais insuficiências são aquelas que Chomsky chama de pobreza de estímulo, partindo desta crítica Chomsky propõe a existência de dispositivo de aquisição da língua que constitui a Gramática Universal.

Segundo Barbosa (2004, p.1228) “a partir dessa tentativa de explicação linguística, surgiu, então, a teoria do período crítico, que propõe a existência de um momento no qual a aquisição da língua seria mais fácil, e em outros, mais difícil”. Com isso, as teorias visam mostrar-nos que os processos de aquisição da L2 dependem das idades dos aprendizes e o contexto situacional que é muito essencial que ajuda no seu desenvolvimento pessoal. Desse modo, a aquisição da L2 é melhor quando for antes dos 6 anos.

A exposição à língua-alvo deva ocorrer antes dos seis anos de idade, para que o aprendiz atinja uma pronúncia semelhante à do falante nativo, mas antes dos quinze, para que se obtenha o mesmo bom êxito em relação à morfologia e à sintaxe (Long, 1990, *apud* Barbosa, 2004, p. 1229).

Aspectos discursivos: no que tange à interlíngua nos estudos discursivos, vê-se que os estudiosos procuram abordar este assunto de forma minuciosa na tentativa de procurar entender como a exposição e a interação funciona nos diferentes momentos do aprendizado. Nesta senda, podemos entender que para um indivíduo adquirir a L2 com

êxito é necessário que o mesmo esteja inserido no ambiente onde é utilizada a língua-alvo e que a mesma deve ser compreendida pelo aprendiz.

Na visão Krashen (1982 apud Ferreira-Junior, 2008, p. 26) “haveria uma diferença entre os processos de aquisição e os de aprendizagem” na visão deste autor o que seria aprendizagem é um processo explícito, racional, e controlado que não levaria o aprendiz a desenvolver uma competência linguística, e quanto a aquisição é um processo espontâneo, um processo inconsciente e implícito por meio do qual a língua é aprendida em decorrência da necessidade real de comunicação. Por isso, para que haja uma aquisição completa e adequada é necessário que o aprendiz esteja inserido no meio onde a língua é utilizada.

Aspectos psicolinguísticos: na área da interlinguística, estudiosos procuram perceber a transferência feita no processo de aquisição da L1 para a L2, isto quer dizer que, quando um indivíduo pretende adquirir a L2, a L1 serve-lhe como base para aprovação de novos termos que serão incorporados na sua gramática Universal e, desta feita, os estudos Psicolinguísticos tendem perceber como é que ocorre este processo. Por isso é que Barbosa (2004, p.1229) assegura que a “preocupação inicial dos estudos psicolinguísticos na interlíngua, reduzia-se à transferência negativa que resulta em “erro”. Outras pesquisas, porém, (...) o objetivo de identificar a chamada transferência positiva - a transferência linguística que facilita a aquisição das formas da língua-alvo”.

Aspectos sociolinguísticos: parafraseando a Barbosa (2004) os estudos da interlíngua na perspectiva sociolinguística são vistos em três dimensões:

- 1) Os estilos diferentes que o aprendiz recorre em condições diferentes de uso da língua;
- 2) Os fatores sociais determinam a construção da interlíngua nos aprendizes;
- 3) Como as identidades sociais que os aprendizes negociam em suas interações com os falantes nativos. E para Fernández (1997) apud Rocha e Robles (2016, p.648) “resume o conceito da interlíngua como uma etapa necessária que aparece e persiste obrigatoriamente no processo de aprendizagem do aluno”. Para Tarone (1983) a interlíngua envolve um continuum estilístico.

Quando estamos a falar da interlíngua estamos a referir-se de um sistema não nativo do aprendiz de uma língua estrangeira, pois esse sistema constitui uma língua autónoma, nas suas abordagens ele vai mais ao fundo quando diz: Um sistema que possui traços da língua materna e outros propriamente idiossincráticos, e cuja complexidade vai se incrementando em um processo criativo que atravessa sucessivas etapas marcadas pelos novos elementos que o falante”. interioriza. (Gargalho, 1993, apud Rocha e Robles 2016, p.648).

Como se refere a cima, a interlíngua pode determinar a forma que um indivíduo

pode usar a L2. Por que, a partir do local da aquisição, logo, o indivíduo adota a forma como usará a L2. A título de exemplo, podemos constatar que uma criança que nasce em Angola e que tem como L1 o Ukhongo aos seus 3 anos se for a Portugal e outra criança que nasce em Angola e tem como a L1 o Cokwe e cresce em Angola, as duas crianças, quanto à aquisição da L2 dotarão diferentes estilos de uso da língua através dos fatores extralinguísticos, interlinguísticos, fatores socioeconômicas, diatópica, etc. Por isso, Barbosa (2004, p.1230) afirma que “os aprendizes desenvolvem uma capacidade para usar a L2 que subjaz a todo comportamento linguístico regular”.

E que os mesmos estilos podem ser divididos em duas partes, uma a mais cuidadosa e a outra como vernácula (que caracteriza o próprio território). Por isso, Ellis (1997) *apud* Barbosa (2004, p.1230) acredita que “essa ideia de um contínuo estilístico é bastante atrativa. Por que explica a variabilidade do uso linguístico do aprendiz e sugere existência de uma gramática interlinguística, que, embora diferente do falante nativo, é construída de acordo com os mesmos princípios”, outra ideia construtiva que podemos associar a esta visão é que:

Na aquisição de L2, ocorre um processo interlinguístico resultante das línguas em contatos, geralmente, denominado de pidginização. Esse fenômeno acontece quando os aprendizes não conseguem obter bom êxito no processo de aculturação do grupo da língua-alvo, ou, por outro lado, quando eles não demonstram interesse de se adaptarem à nova cultura (Shummann (1978) *apud* Barbosa, *ibidem*).

Relacionando as abordagens acima afloradas, baseando-se nos resultados das nossas pesquisas, podemos ver que, a forma que é usado os pronomes clíticos na escola do Ritenda é algo que não chega aos objetivos propostos pelas gramáticas normativas, tudo porque, os falantes da mesma escola apresentam um português peculiar, mostra regras diferentes quanto ao uso dos pronomes clíticos por se desconhecer das regras impostas pelas gramáticas normativas. Com isto, a ideia do Ellis (1997) quando sugere uma gramática interlinguística que, embora difere do falante nativo, mas ela pode ser construída com base nos mesmos princípios, o que pode ajudar no melhoramento e supressão das distintas dificuldades que os alunos apresentam.

1.3 A competência vs performance

Na visão de Chomsky (s/d p.197) “a competência é justamente o que você sabe e performance é o que você faz com isto”. Para Maia (2006, p. 31) “a competência gramatical é o saber linguístico abstrato que temos em nossa mente e o uso desse saber em uma situação de fala específica é que constitui o desempenho”. Para Sim-Sim, Silva

e Nunes (2008 p.48) “a capacidade linguística é quando um indivíduo reflete sobre as propriedades da sua língua”.

Por seu lado, os termos “conhecimento explícitos” designa o conhecimento reflexivo e sistemático do sistema intuitivo que os falantes conhecem e usam, bem como o conhecimento dos princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse sistema. Este estágio de conhecimentos caracteriza-se pela capacidade de identificar e nomear as unidades da língua (por exemplo, fonemas, sílabas, morfemas, palavras, grupos sintáticos, frases), de caracterizar as propriedades, as suas regras de combinação e os processos que actuam sobre as estruturas formadas; caracteriza-se igualmente pela capacidade de selecção das unidades e estruturas mais adequadas à expressão de determinados significados e à concretização de determinados objetivos em situações concretas de uso oral e escrita da língua (por exemplo, informar, persuadir, exprimir um desejo ou um ponto de vista). Um estágio intermediário entre os conhecimentos intuitivo da língua e o conhecimento explícito, caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização, é a chamada consciência linguística (Duarte, 2008,p.17-18, grifos do autor).

Ao observarmos as definições apresentadas pelos autores, apesar de tentar trazer algumas informações diferentes, mas no fim todos caem na mesma tecla de conhecer, refletir, usar, etc. Relacionando estas definições com os alunos do Rintenda, vemos que a forma de uso de pronomes clíticos que é exigida pelas gramáticas normativas utilizadas nas escolas, está distante da norma, tudo porque, a LP falada em Angola, concretamente no Complexo Escolar nº2 do Ritenda, possui uma característica peculiar que caracterizam os próprios falantes da mesma língua, além disso, a língua portuguesa, para esses alunos, na sua maioria têm-na como L2. Por este facto, os alunos não possuem um conhecimento reflexivo da mesma língua, o que leva deles num insucesso escolar, porque na visão de Chomsky (s/d, p. 185):

Você pode pensar que está ensinando, digamos inglês para estudantes que falam português, mas o facto é que a parte do processo inglês pressupõe o conhecimento da linguagem, o qual é transportado de uma língua para outra. Para ensinar, essa é uma boa ideia, seria um erro ensinar as pessoas a gramática se o objetivo é fazê-las aprender uma segunda língua. Isto seria como ensinar a fisiologia a alguém cujo objetivo é aprender a nadar.

Com isso, é necessário que o ensino em Angola paute na real situação que há neste contexto linguístico, devendo optar em criar os instrumentos e métodos adequados para facilitar a compreensão e o desenvolvimento psíquico dos alunos, porque enquanto professores continuam usando uma gramática que não está de acordo com a realidade angolana sempre será retrocesso.

Em Angola, o ensino da LP tem como objetivo desenvolver as capacidades linguísticas do aluno. Tendo em conta o funcionamento da língua na sociedade, os

instrumentos e as indefinições das metodologias que asseguram o processo de ensino-aprendizagem que muitas das vezes não refletem ao contexto onde é utilizado. A título do exemplo, a Gramática normativa, este instrumento tem provocado grandes problemas nos discentes, tudo porque, é uma Gramática que possui um pendor Europeu e a mesma só deveria ser ensinada aos alunos que têm a LP como L1, pois para se ensinar uma gramática a uma pessoa é necessário que a mesma tenha um conhecimento profundo dessa língua, isto para facilitar o entendimento do conteúdo, na visão de Buca (2018, p. 61-62) refletem que:

O português é a Língua de escolarização em Angola. Todavia, os documentos oficiais intrínsecos à acção pedagógica e metodológica não definem um modelo didáctico para o ensino de LP, facto que causa hesitações na escolha de metodologias específicas e contextualizadas. Aliás, a indefinição de um modelo didáctico pressupõe, efectivamente, o ensino do português como Língua Materna. Ora, apesar de o português ser a língua oficial deste país africano, não implica que seja ensinado como LM, uma vez que se trata de um contexto multilingue em que o português coabita com diversas línguas locais maioritárias (...) que, por sua vez, possuem vários subsistemas linguísticos decorrentes da permanente variação a que as línguas vivas sempre estão sujeitas, (...). Perante esta realidade linguisticamente heterogénea, o português, mesmo sendo a língua materna de muitos angolanos, que o deviam dominar oralmente na perfeição, sofre uma grande interferência das várias línguas de origem africana nos principais domínios da gramática desencadeando graves problemas que se reflectem, até ao presente, nos resultados pouco produtivos no ensino da LP.

O que podemos entender aqui, é que além dos problemas apresentados pela Gramática Normativa existe outros que contribuem para o insucesso de ensino da LP, tendo em conta a indefinição do modelo, metodologia adequado e contextualizado para o ensino da LP nessas regiões. Faraco e Castro (s/d. *apud* Campos s/d, p. 9) trazem-nos um raciocínio crítico que diz que:

(...) as nossas escolas, além de desconsiderarem a realidade multifacetada da língua, colocam, de forma desproporcional, a transmissão das regras e conceitos presentes nas gramáticas tradicionais, como o objecto nuclear de estudo, confundindo, em consequência, ensino da língua com o ensino de gramática. Aspectos relevantes do ensino de língua materna, (...) acabaram sendo deixados de lado.

Contudo, baseando-se nas definições apresentadas e nas constantes dificuldades apresentadas pelos alunos, podemos dizer que os mesmos não possuem a competência linguística quanto ao uso dos pronomes clíticos em português exigido nas Gramática Normativa, porque se eles tivessem a competência, logo, não teriam dificuldades quanto à colocação dos pronomes clíticos.

1.4 Os pronomes

Com este subtítulo, pretende-se trazer à tona algumas abordagens acerca dos pronomes, tendo em conta a sua função e sua classificação baseando-se na gramática do Bechara com a tendência de observar como funcionam os pronomes na LP e trazer também alguns pronomes da Língua Cokwe para perceber qual é a diferença e observar se existe algumas influências da Língua Cokwe no uso dos pronomes clíticos em português nos alunos do Complexo Escolar Nº2 do Ritenda. Os pronomes são palavras que apresentam várias modalidades e que têm a função de substituir ou representar os nomes dentro de uma frase,

os pronomes são palavras que “substituem” (= “representam”) lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes neutros (isso, aquilo, isto), que podem representar ou referir-se a um facto, a uma circunstância ou uma situação. (Bechara, 2009, p. 35, destaques do autor).

Para Vilela (1995) apud Cesar (2014, p.15) diz que “PRO-NOMEN indica a relação existente entre esta classe de palavras e o nome” com isto podemos entender que a palavra pronome designa uma classe de palavras que tem relação com os nomes e que tem a função de representá-los ou substituí-los. Na LP existe 6 tipos de pronomes: pessoais, possessivos, interrogativos, indefinidos, relativos e pronomes demonstrativos (Cesar, 2014; Bechara et al., 2009).

Mas é de salientar que o nosso trabalho vai cingir-se em debruçar sobre os pronomes pessoais, os quais podem ser retos ou os que têm a função sintática de sujeito, objeto direto e indireto. E com isto, para Bechara (2009, p. 139) “os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso (eu e tu) e não ele que é designada na gramática de tradição como 3ª pessoa, cada um destes pronomes retos (eu, tu, ele,) singular e plural (nós, vós, eles ou elas) correspondem a um pronome oblíquo que desempenha a função de objeto direto e indireto que pode ser representada em átona e tónica.

Os pronomes átonos são vocábulos que perdem seu acento próprio para unir-se a outros que o seguem ou os que procedem, de referir que tais vocábulos são clíticos que (inclinam) porque se acham destituídos de seu acento vocabular, e aqueles vocábulos que, no grupo de força, mantêm a sua individualidade fonética são chamados de vocábulos tônicos, com isto, entre os dois tipos de pronomes as tônicas vem sempre regido de uma preposição. (Bechara, ibidem).

Pronomes pessoais retos

singular { 1ª pessoa: eu
2ª pessoa: tu
3ª pessoa: ele, ela

plural { 1ª pessoa: nós
2ª pessoa: vós.
3ª pessoa: eles/ elas

pronomes pessoais oblíquos átonos (sem prep.)

singular { me
te
lhes, o, a, se

Plural { nós
vós
eles, elas, si

Pronomes pessoais tônico (com prep.)

Singular { Mim
ti
Ele, ela, si

plural { nós
vós
eles, elas, si

Em línguas como o português, podemos encontrar os clíticos como: proclíticos, mesoclíticos e enclíticos. Araújo (s/d., s/p) apresenta as seguintes definições e as suas classificações: Os proclíticos ou próclise átonos: são vocábulos que perdem o seu acento tónico a que se enquadra para constituir um grupo tónico e a sua posição é antes do verbo. Ex.: “me disseram que não foste a escola.” É obrigatório o uso deste pronome em:

a) Orações negativas como: não, nem, jamais, ninguém, nenhum, nada etc., desde que não provoque a ocorrência de uma pausa entre os verbos e o elemento de negação.

Ex.: “não me aplaudiram e nem me agradeceram.”

b) Nas orações que iniciam com palavras exclamativas.

Ex.: “como te alegras, quanto nos custa sofrer.”

c) Orações optativas (desejos).

Ex.: “que Deus te pague! Desejo que raio te parta, a terra lhe seja leve!”

d) Orações interrogativas, que começam com palavras interrogativas.

Ex.: “porque me deixaste? Quem me chamou?”

e) Orações subordinadas, começadas por conjunções subordinativas e pronomes relativos:

Ex.: “irei a escola se me der vontade. Não iria comer ainda que me obrigasse.”

f) Orações que contenham advérbios de tempos, intensidade, lugar etc. desde que não haja pausa entre eles e o verbo.

Ex.: “aqui se estuda: sempre me resguardos dos inimigos.”

g) Orações que contenham pronomes indefinidos tal como (tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto etc.), desde que não haja pausa entre eles

e o verbo.

Ex.: algo me preocupa; ninguém a viu entrar; todos me parecem calmos.

- h) Orações que contenham pronomes demonstrativos (este, esta, aquele, aquela, aqueloutro, aqueloutra, mesmo, mesma, próprio, própria, tal, tais, isto, aquilo, o, a, os, as.

Ex.: aqueles alunos se parecem; isto me comove; nisto se baseiam todos.

- i) Gerúndio + preposição “em”:

Ex.: em me pedindo, estarei lá.

Ênclise: é a colocação de pronomes depois do verbo, que geralmente constitui a posição normal, e nesta senda, é explicitamente proibido o início de uma oração com pronome oblíquo átono, tal como nos participios nunca se dá a ênclise. Contudo, este processo ocorre com:

- a) Verbo começando a oração.

Ex.: responda-me; peço-te perdão.

- b) O verbo que está no imperativo afirmativo:

Ex.: amigo, escuta-me; faça-me um favor, procure a sua turma.

- c) O verbo no gerúndio sem que haja fatores de próclise.

Ex.: os meninos corriam, pedindo-lhe dinheiro; havia suor escorrendo lhe a face.

- d) Em preposições “a” “as” “o” “os” + infinitivo impessoal.

Ex.: todos ficaram parados a escutá-la; começou a maltratá-lo; quero ouvi-lo.

Em questões coordenativas as próclises e ênclises ocorrem em:

- a) Quando houver conjunções coordenativas:

Ex: o sol surgiu e se pôs; o sol surgiu e pôs-se.

- b) Com preposição e verbo no infinitivo:

Ex: por te ver alegre, fiquei contente. // Por ver-te alegre fiquei contente.

Sem vos dizer a verdade, ficarei preocupado. // Sem dizer-vos a verdade, ficarei preocupado.

Mesóclise: este processo consiste em colocar o pronome no meio do verbo e ocorre nas seguintes frases:

- a) Futuro do presente, desde que não se verifique fator de próclise:

Ex.: dar-te-ei o céu; falar-te-ei mais tarde.

- b) Futuro do pretérito, desde que não ocorra fator de próclise:

Ex.: se eu pudesse, dar-te-ia também o céu; por este caminho ter-se-ia chegado ao fim.

Observamos as definições e variações dos pronomes pessoais átonos e tónico em

português onde se verifica que existe regras que regulam o enquadramento destes pronomes e que são obrigatórios quanto ao seu cumprimento. Isto quer dizer que todo o falante da LP está sujeito a seguir estas regras estipuladas pelas Gramáticas Normativas. Ao contrário da Língua Cokwe, baseando-se na gramática do Barbosa (2012), a Língua Cokwe nos apresenta os seguintes pronomes: pessoais, conectivo, possessivo, interjectivos, interrogativos e indefinidos.

Pronomes pessoais segundo Barbosa (2012, p. 34) “os pronomes pessoais têm forma distinta segundo são enfáticos ou não, e são usados como infixos ou sufixos de uma forma verbal, isto é, como complemento direto ou indireto”.

| Forma enfática | não enfática |
|---------------------------|--------------|
| 1ª pessoa (singular) yami | ami |
| (plural) yetu | etu |
| 2ª pessoa (singular) yena | ena |
| (plural) yenu | enu |
| 3ª pessoa (singular) yiye | aye |
| (Plural) ayo | o |

De referir que, a forma enfática em outras instâncias pode ser designada por copulativa e indicativa. E essas formas enfáticas são usadas em seguintes situações:

- Para exprimir enfaticamente o sujeito;
Ex: Yami nacilinguile.
- Como predicativo (quando o verbo não está expresso);
Ex: Hi-yami-ko.
- Quando precedida por uma preposição;
Ex: Munguya nyi yena

Na Língua Cokwe, através das diferentes modalidades que os verbos apresentam, a Gramática Cokwe mostra 12 classes de pronomes que pertence a 3ª pessoa gramatical, isto quer dizer que, na medida que o verbo vai mudando de modo em diferentes situações, logo, determinará o tipo de pronome que será usado em cada situação de comunicação para estabelecer a concordância dentro das frases. Mas de salientar que, em qualquer que seja a classe que pertença um nome, se este nome designar um ser animado ou considerado tal pela mentalidade cokwe, pronome que o substituirá será da primeira classe, porque na Língua Cokwe, as diversas formas verbais têm prefixos próprios para as diversas pessoas e classes (Barbosa, *ibidem*).

Por exemplo: a conjugação do verbo dar (kwaha) na Língua Cokwe.

| Singular | Plural |
|----------|--------|
|----------|--------|

| | |
|---------------|---------------|
| Yami kangwaha | Yetwe katwaha |
| Yena kakwaha | Yenwe kanwaha |
| Yiye kamwaha | Ayo kaaha |

Neste exemplo dado, vemos que o verbo na medida que vai se fazendo a sua conjugação, ela transforma-se junto com os pronomes, isto é, buscando alguns prefixos em diferentes classes para estabelecer a concordância perante os pronomes. E com isso, os pronomes pessoais infixos ou prefixo e sufixo que correspondem em portuguesa me, nos, te, vos, o, a, os, as, lhe, lhes que desempenham a função de objeto direto e indireto, na Língua Cokwe estes pronomes apresentam as seguintes características:

Quadro 1: Prefixos e sufixos da língua Cokwe

| | Prefixos ou infixos | | Sufixo | |
|-----------|---------------------|--------|---------------|--------|
| | Singular | plural | Singular | Plural |
| 1ª pessoa | ngu- | tu- | | |
| 2ª pessoa | ku- | nu- | | |
| 3ª pessoa | mu- | a- | -ye | -o |
| 1ª pessoa | mu- | a- | -ye | -o |
| 2ª pessoa | u- | yi- | -wo | -yo |
| 3ª pessoa | ci- | yi- | -co | -yo |
| 4ª pessoa | li- | a- | -lyo | -o |
| 5ª pessoa | mu- | a- | -ye | -o |
| 6ª pessoa | ka- | tu- | -ko | -two |
| 7ª pessoa | mu- | ju-;a- | -ye | -jo;-o |
| 8ª pessoa | lu- | yi- | -lwo | -yo |
| 9ª pessoa | u- | u-;a- | -wo | -o |
| 10ª | yi- | ji-:a- | -yo | jo; -o |
| 11ª | mu- | -a | -ye | o |
| 12ª | ----- | ----- | -ho; -ko; -mo | |

Fonte: Tabela inspirada na Gramática Cokwe (2012, p.37)

Tratamento e resultados de dados.

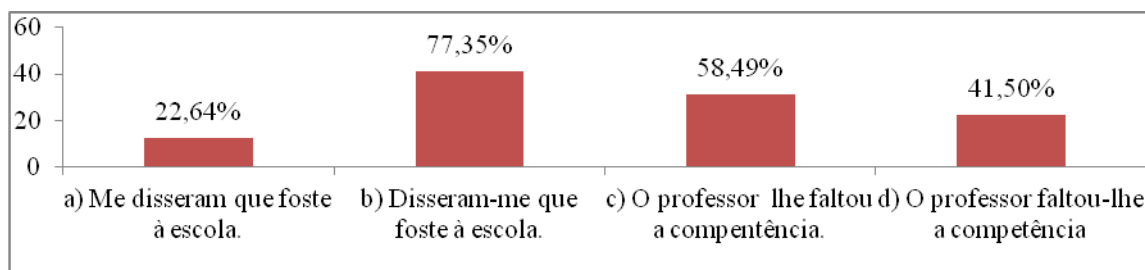
Nesta secção apresentam-se resultados obtidos durante a pesquisa feita no Complexo Escolar nº02 do Ritenda com 53 alunos (30 masculinos e 23 femininos) da 9ª classe, turma A, do período vespertino. A pesquisa dirigiu-se a estes alunos porque, a 9ª classe é uma classe finalista, e este assunto, por ser um dos temas abordados nas

classes anteriores intuiu-se que os alunos dominam o assunto em questão.

Questionados se falam português com os pais e amigos por mais de 2 horas, 66,03% responderam que “sim” e os restantes (33,96%) responderam negativamente. Questionados se falavam português como Língua materna 66,03 responderam que a LP não é materna. Sobre aquisição da L1 e a L2, vendo o uso de pronomes clíticos como é feito e as constantes dúvidas que alunos apresentam, fez-se a seguinte pergunta: portuguesa LP é a sua primeira língua? Com intuito de saber o porquê de tantas dificuldades quanto ao uso de pronomes clíticos em LP. E como resposta tivemos 18 alunos afirmaram que sim, o que correspondem a 33,96% e 35 alunos disseram que não, o que perfaz 66,03%.

Baseando-se nos resultados, vemos que a maior parte dos inquiridos tem a LP como L2, e nesta senda, percebe-se a razão do porque o uso dos pronomes clíticos em LP adquiriu uma nova característica perante às Gramáticas Normativas, isto é, para dizer que, os alunos na tentativa de produzir ou usar os pronomes clíticos em português passam por uma fase designada de interlíngua e esta fase é caracterizado por uma tentativa de usar os pronomes clíticos como um nativo, tal como refere Ellis (1997) “os aprendizes mudam de gramática de um ponto para outro através de regras de apagamento e reestruturação do sistema” razão pela qual vemos os alunos a dizer:
Ex. Me deu um livro, em vez de deu-me um livro.
Ex. O professor disse que vou lhe devolver o livro, em vez de, o professor disse que vou-lho devolver o livro.

Gráfico nº03: identifique as frases a baixos onde há má colocação dos pronomes clíticos?



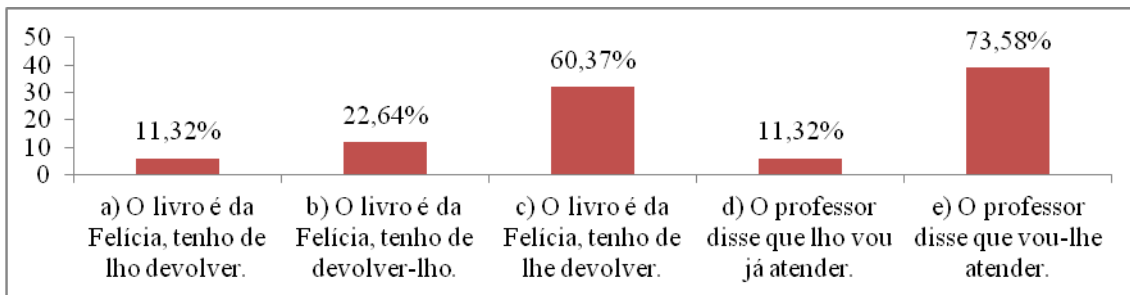
Fonte: Elaboração própria.

Língua Portuguesa em Angola possui duas realidades diferentes, uma é a variedade local, usada pelos próprios habitantes de forma espontânea e outra é o ideal que é limitada e racional, porque os que utilizam este tipo de português (ideal) são os acadêmicos, pessoas escolarizadas ou outras de nível social médio. E com isso, fez-se as perguntas acima afloradas e vemos que na alínea (A) temos 12 alunos que correspondem

a 22,64% disseram que há má colocação dos pronomes clíticos, na alínea (B) temos 41 alunos com a percentagem de 77,35% afirmando que nesta frase há má colocação de pronomes clíticos, na alínea (C) temos 31 alunos com a percentagem de 58,49% afirmam que nesta alínea há a má colocação de pronomes clíticos e a línea (D) temos 22 alunos com a percentagem de 41,50% que afirmam que há má colocação de pronomes clíticos.

Os seguintes dados espelham de forma adequada a realidade angolana quanto ao uso de Pronomes clíticos (LP), é notório que a língua portuguesa já ganhou outro estatuto, outra característica e o seu povo a usa de forma espontânea e livre sem pensar nas regras ou medo de errar, nesta senda, vemos que a frase da alínea (B) considerada correta na gramática normativa, mas perante a estes alunos a considera como incorreta, com isto podemos ver que os alunos não possuem uma competência linguística baseando-se na gramática normativa, mas sim revelam a existência de um sistema linguístico diferente que caracteriza os mesmos alunos.

Gráfico nº 4: identifique as alíneas corretas nas frases a baixos?



Fonte: Elaboração própria.

Dada a importância da competência/performance, neste quadro fez-se algumas perguntas comparativas entre o português ideal e o português vernáculo e, como resultado temos alínea (A) 6 alunos com a percentagem de 11,32%, na alínea (B) temos 12 alunos com a percentagem de 22,64%, na alínea (C) temos 32 alunos com a percentagem de 60,37%, na alínea (D) temos 6 alunos com a percentagem de 11,32%, e na alínea (E) temos 39 alunos com a percentagem de 73,58%.

Observando os resultados obtidos estamos convicto de que o português no complexo escolar nº02 do Ritenda, está distante daquilo que é sugerido nas gramáticas normativas com pendor Europeu, porque as frases da alínea A, B, e D, são consideradas segundo a Gramática normativa corretas ou adequadas, ao contrário da alínea C e E, estes, na visão da Gramática normativa são incorretas ou inadequadas. Perante a esta realidade, os professores de Língua Portuguesa tem encontrado várias dificuldades quanto a posicionamento da correção afim de desenvolver a capacidade linguística do aluno, por isso, é necessário que o governo estabeleça políticas de ensino que vão ao encontro do contexto dos alunos, porque os instrumentos (Gramática normativa com pendor Europeu, métodos para o ensino da língua primeira, etc.) usado no processo de ensino-aprendizagem tem influenciado e condenado os alunos por não conseguir

adequar-se às suas demandas.

Considerações finais

A LP em Angola sempre desempenhou grandes funções em termos de ser uma língua oficial, a língua de integração social, meio de socialização de diferentes povos, língua da unidade nacional, etc. E o seu ensino sempre pautou em desenvolver as capacidades linguísticas comunicativas a nível da escrita e oral. Nesta senda, as gramáticas normativas servem como base para manutenção do ensino de LP em Angola.

Tendo em cota o quadro linguístico apresentado pela LP em Angola através de contactos estabelecidos com outras línguas nativas, a língua portuguesa apresenta duas características, uma ideal e outra vernácula.

Com isto, têm surgido vários problemas no processo de ensino aprendizagem tendo em conta o posicionamento dos professores perante às indefinições dos métodos, instrumentos inadequados e descontextualizados que são usados no processo de ensino-aprendizagem, por isso tem causado vários problemas tanto faz por parte dos alunos e dos professores.

Um dos problemas encontrados por parte dos alunos é a existência de alguns professores com perfis de comportamentalistas, professores puristas que desconsideram a situação real linguística de Angola e que obrigam os alunos a falar o português como um nativo (nascido em Portugal), a fim de cumprir com as demandas do programa de ensino da LP.

O trabalho de campo revela que há dificuldades nos alunos, relacionadas com a compreensão e domínio de conteúdos transmitidos pelos professores, por se desconhecer ou não possuir uma competência linguística sugerido pela gramática normativa. Portanto, para a supressão e alteração deste quadro, de modo a facilitar a aprendizagem dos alunos, é necessário que o Governo intervém nesta situação, de modos a gizar políticas e investir na elaboração dos instrumentos adequados como: Gramáticas, Manuais de língua portuguesa de Angola, Dicionários, etc. que tenham um vínculo com a realidade angolana para evitar vários problemas que os alunos e professores enfrentam no seu dia-dia. Em suma, é necessário que os professores que ensinam a LP tenham a capacidade de entender a situação linguística de Angola, apesar do rigor no cumprimento do programa de ensino de língua portuguesa, tem que se ter em conta, a complexidade dos alunos perante o ensino da LP, baseando no estudo feito, vemos que os alunos não possuem as competências linguísticas que permite refletir ou fazer juízo de valor quanto ao uso de pronomes clíticos sugerido nas gramáticas normativas. Portanto, pedimos aos professores da LP, que haja cautela quanto à atuação no que diz respeito às correções e procurar saber entender o porque é que os alunos

apresentam o uso de pronomes clíticos de forma diferente para ajudá-los e facilitar a compressão, integração e promover um ambiente sadio nas salas de aulas.

Referências

Babosa, J. R. (2004). *Aspectos da interlingua: contribuições para aquisição da L22*.

Disponível em: [http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-](http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Jos%E9%20Roberto%20Alves%20Barbosa.pdf)

[2004/PDF/Jos%E9%20Roberto%20Alves%20Barbosa.pdf](http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Jos%E9%20Roberto%20Alves%20Barbosa.pdf) Acesso em: 25 dez. 2021.

Barbosa, A. C. (2012). *Noções Básica de Gramática Cokwe*. São Paulo- Município do Sambizanga: Edição da Diocese de Lwena

Bechara, E. (2009). *Moderna Gramática Moderna*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, Editora Lucerna.

Inês Sim-Sim, A. C. (2008). *Linguagem e comunicação no Jardim de infância*. Lisboa: Direcção- Geral de inovação e de desenvolvimento curricular.

Mattoso Camara, Jr. (1955). A lingua e Cultura. *Revista Letras*. vol.4, Universidade do Brasil.

Maia, M. (2006). *Manual de linguística: subsidio para a formação de professores indigenas na área de linguagem*. Brasília: MEC/UNESCO.

Mateus, M. H. (2008). *Difusão da língua portuguesa no Mundo*. Lisboa: FLUL/ILTEC.

Nauerge, J. M. (2017). *Da norma à variação: estudo de caso sobre o uso do conjuntivo no português de Angola*. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Linguística Especialidade: Linguística Portuguesa. Évora.

Ndombele, E. D. (2017). Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, Lisboa, nº 31, p.71–89.

Rabajo Alfredo Mugabo Abdula, A. A. (2017). As politicas linguísticas nos PALOP e o desenvolvimento endógeno. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*. Lisboa, nº 31, p. 23-46.

Robles, N. A. (2017). Interferencia linguística na interlingua em alunos hispanofalantes de português como língua estrangeira. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 641-680.

Silva, M. C. (s.d.). *Aquisição de uma lingua segunda, muitas questões e algumas respostas*. Obtido de ESE de Paula Frassinetti; Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Domingos Njamba Yeta A Influência do Cokwe na colocação de pronomes clíticos...

Timbane, A. A.; Ndombele, E. D. (2020). O ensino de língua portuguesa em Angola: reflexões metodológico em contexto multilingue. *Revista Fólio*. V.12, nº1, p.290-314.

Undolo, M. E. (Agosto de 2014). *Caracterização da norma do português em Angola*: Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Linguística. Évora.

Wessheimer, L. L. (2017). O desenvolvimento da interlíngua na aprendizagem da escrita em Inglês em uma escola bilingue. *Revista do Gelner*, Natal/RN, Vol. 15, nº Especial 2013, p. 417-439.

Zau, D. G. (2011). *A língua portuguesa em Angola um contributo para o estudo da sua nacionalização*. Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras, Departamento de Letras.



Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 25/12/2021

Para citar este texto (ABNT): YETA, Domingos Njamba. A Influência do Cokwe na colocação de pronomes clíticos no português falado pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar N°02 do Ritenda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.272-293, 2021.

Para citar este texto (APA): Yeta, Domingos Njamba. A Influência do Cokwe na colocação de pronomes clíticos no português falado pelos alunos da 9ª classe do Complexo Escolar N°02 do Ritenda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(Especial): 272-293.